



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9456 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

NOVA ECONOMIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO EM RICHARD SENNET

Renata Maraschin - UPF - Universidade de Passo Fundo

Luciana Oltramari Cezar - UPF - Universidade de Passo Fundo

Luciana Maria Schmidt Rizzi - UPF - Universidade de Passo Fundo

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

NOVA ECONOMIA E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES: DESDOBRAMENTOS PARA A EDUCAÇÃO EM RICHARD SENNET

Resumo

O trabalho tem como objetivo refletir sobre possíveis desdobramentos da nova ordem econômica mundial, pautada na racionalidade neoliberal, sobre a subjetividade humana e sobre a educação. Trata-se de estudo de natureza bibliográfica, ancorando sua fundamentação teórica em Richard Sennet. A nova ordem econômica mundial transforma sujeitos em empreendedores de si, destituindo-os de sua dimensão histórica, política e social. A educação, dominada por esta lógica, produz sujeitos que a sustentam. Todavia, faz-se neste artigo uma aposta na educação e na escola como espaço de produção de práticas cooperativas, que restituam experiências coletivas e solidárias, fortalecendo o laço social e o pacto civilizatório.

Palavras-chave: Subjetividade. Economia. Educação. Formação Humana

Introdução

O capitalismo financeiro mudou o mundo e desta mudança surgiram os mais diferentes efeitos. As novas relações de trabalho, com sistemas abstratos de funcionamento, com ambiguidade profunda entre processos de individuação e socialização, em que o consumo passa a ser imperativo, tomam como base a constituição de uma nova sociedade, um novo sujeito e uma nova subjetividade. Para Richard Sennett, no processo de produção do artesanato – todo aquele que deseja realizar uma tarefa bem-feita, e que inclui não apenas a produção manual, mas também programadores, médicos, artistas ou padres – o pensar e o sentir estão integrados. Todavia, a sociedade atual caracteriza-se pela fragmentação das experiências, na qual os perigos da flexibilidade, como promessa de melhorar nossa vida, terminou por levar o trabalho a cada minuto e local da vida privada: “vidas sem coluna vertebral”, um caráter cujas experiências não constroem uma narrativa de vida, algo muito circunscrito a nosso tempo.

Para Sennett (2019, p. 173), “nas novas instituições, os indivíduos muitas vezes podem sucumbir ao sentimento de que não dispõem de iniciativa narrativa; ou seja, de que carecem da possibilidade de interpretar o que lhes está acontecendo”, incapacitando o trabalhador de mobilizar-se na compreensão da própria experiência. Efeito da sujeição social ao ideário neoliberal, do qual originam-se sujeitos flexíveis, adaptáveis, que precisam se desfazer de todo o tipo de biografia, sem história, à deriva emocional, com um conjunto de outros problemas que levam a consequências que afetam profundamente sua subjetividade. A Modernidade consagrou o homem econômico, guiado por interesses pessoais e que possui como regra o lucro máximo. Diante desta breve reflexão, podem ser extraídos alguns questionamentos: Como é possível educar sem tradição, sem narrativa, sem produção de experiências com sentido para o sujeito? Que tipo de consequências esses elementos tão reducionistas trarão para a constituição da subjetividade? O que significa educar o ser humano neste contexto?

A proposta metodológica do presente resumo guiou-se pelo caráter bibliográfico. Foi tecido, ainda que de forma embrionária, um diagnóstico de época, tomando como ponto de partida a premissa de que a problemática do sujeito é intrínseca à formação humana, causando impactos na sua subjetividade. Foram também reconstruídos aspectos sobre como a racionalidade neoliberal pode produzir transformações nos sujeitos na contemporaneidade, desvirtuando as relações humanas de cooperação social, solidariedade mútua para um individualismo competitivo e destrutivo do pacto civilizatório. Ainda, foram analisados os impactos e efeitos dessas transformações no campo educacional, tomando como base produções teóricas de Richard Sennett, sociólogo e historiador norte-americano, que concentra seus estudos na análise da vida dos trabalhadores no meio urbano, analisando como as mudanças econômicas estão moldando os valores pessoais e sociais e provocando alterações radicais na vida de todos.

A produção de uma nova subjetividade

As transformações sociais e econômicas trazem mudanças nos modos de vida dos sujeitos de modo complexo. O contexto social permeado pela lógica neoliberal prioriza os resultados e o lucro, a eficiência dos indivíduos e a competitividade, produzindo sujeitos individualistas, ocupados com sua própria performance e em busca de uma vida hedonista. Como consequência, testemunha-se a precarização das relações sociais e das relações de trabalho, a banalização das experiências de encontro sensível e humano, causando sofrimento e sobretudo des-subjetivação (SANTOS; DALBOSCO, 2020, p. 06).

A (alta) modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais íntimos de nossa existência. As transformações introduzidas pelas instituições na sociedade se entrelaçam diretamente com a vida pessoal. Vivemos em um tempo de excesso de afazeres, de ofertas, de estímulos, de consumo, de imediatismo, de concorrência a qualquer custo, de exigências de sucesso e eficiência em altos níveis, de pressão por resultados prontos e em curto prazo, numa idealização da rapidez como se ela fosse sinônimo de eficiência. Importa cada vez menos o trabalho investido e mais o resultado. As pessoas “buscam poder, sucesso e riqueza para si mesmas, subestimando os autênticos valores da vida. Correm o risco, num julgamento genérico, de esquecer a variedade do mundo e da vida humana e psíquica” (OLIVEIRA; BATISTA, 2020, p. 21).

No plano das trocas humanas, novas subjetividades são produzidas, impactando a formação dos sujeitos e transformando profundamente estruturas familiares e sociais, quando a noção de experiência se dilui no meio das demandas imediatas e projetos de curto prazo que não permitem olhar para o passado (MARCON, 2020). Sennett (2011) mostra como essas

transformações em curso impactam a vida das pessoas, tanto a nível das relações interpessoais, familiares e sociais, produzindo novas subjetividades, novos compromissos e responsabilidades com o outro, a partir das propostas da racionalidade neoliberal vigente.

O sujeito neoliberal contemporâneo acredita que tem liberdade de escolha e de criatividade, que é responsável pelo seu sucesso, concebendo tal condição como vantagem. Entretanto, acaba assumindo toda a responsabilidade pelos resultados, seja seu sucesso ou seu fracasso. Essa proposta de “assumir a responsabilidade” é própria do neoliberalismo, ou seja, de um empreendedorismo individualista com vistas ao progresso e garantia de oportunidades para todos.

Sennett (2011) ajuda a desconstruir tanto os riscos do imediatismo, quanto dessa aparente liberdade e vantagem de uma flexibilização dos valores com promessa de melhora na criatividade. Ele aponta para o risco da criação de novas formas de submissão e supressão da capacidade criativa, de rompimento e perda de valores arduamente conquistados e transmitidos de geração para geração. Em seu livro *A corrosão do caráter* (2011), ao analisar a vida de Enrico e seu filho Rico, as diferenças e mudanças nos modos de trabalho das duas gerações, o autor ainda revela seu sinal mais tangível: o lema de que não há longo prazo. A noção de tempo e as maneiras de organizá-lo mudaram, o tempo na sociedade atual é o do curto prazo, do desejo do retorno imediato, do "aqui e agora" e de preferência, entregar o passado ao esquecimento “O mercado, nessa visão, é dinâmico demais para permitir que se façam as coisas do mesmo jeito ano após ano, ou que se faça a mesma coisa” (SENNETT, 2011, p. 22). O autor utiliza uma expressão interessante para representar essas transformações: “valores de camaleão da nova economia” (SENNETT, 2011, p. 27) que não acontece sem efeitos. As experiências transmitidas dos pais para os filhos podem se tornar desnecessárias e até inúteis.

A racionalidade neoliberal com suas formas de conceber o mundo ataca diretamente o laço fraterno, e a preocupação coletiva cede lugar ao individualismo competitivo constante e selvagem. A solidariedade social, a cooperação e o trabalho coletivo são substituídos pela rivalidade feroz e “em seu lugar instaura-se o individualismo, fomentado pelo medo de que a próxima crise seja pior, produzindo o cada um por si e salve-se quem puder” (SANTOS; DALBOSCO, 2020).

Laços sociais fortes levam tempo para surgir e enraizarem-se, dependem de associações de longo prazo, exigem cultivo e disposição de estabelecer compromisso com o outro. “O laço amoroso é constitutivo da condição humana” (SANTOS; DALBOSCO, 2020, p. 24) e construído com solidez e integridade. Esse princípio, por exemplo, que não há longo prazo, segundo Sennett (2011, p. 24), “corrói a confiança, a lealdade e o compromisso mútuo”. Ainda para Sennett (2019, p. 63) “a lealdade é um relacionamento participativo”, que exige do outro participação e compromisso, exige que a instituição nos ajude quando precisarmos.

O novo modelo capitalista da empresa também é aplicado ao terreno público, causando mudanças estruturais à vida social da nova instituição econômica propriamente dita, implicando na geração de três déficits da mudança estrutural, como afirma Sennett (2019), em suas pesquisas. Para o autor, o baixo nível de lealdade institucional, a diminuição da confiança informal entre os trabalhadores e o enfraquecimento do conhecimento institucional, constituem-se em ferramenta intelectual abstrata, também conhecida como “capital social”, perfeitamente tangível na vida dos trabalhadores.

Essas transformações produzem impactos sociais e subjetivos, bem como processos de des-subjetivação, de perda de valores e sustento dos próprios ideais e do caráter, deixando como rastro, muitas vezes, um ressentimento, um ódio e uma desesperança. Ao fomentar

formas individualistas de relação, exigindo o sucesso a tarefas impossíveis de serem realizadas, a racionalidade neoliberal enfraquece a solidariedade social e o laço afetivo, corroendo o caráter do sujeito solidário, quebrando sua coluna vertebral (SENNETT, 2011), instalando intenso conflito, decepção e sofrimento psíquico nos sujeitos. O neoliberalismo produz novas subjetividades e as aprisiona, manipulando os afetos de culpa, angústia e medo. Ao crer ser dono da própria vida, livre e “empreendedor de si” o sujeito fica à mercê de uma lógica que o submete, teme o fracasso, responsabiliza-se e culpa-se por ele, resultando em sofrimento psíquico. Frases como “seu sucesso depende de você” ou “você pode mais” são armadilhas atuais deste sistema e fomentam o individualismo, corrompendo os laços amorosos, as amizades e a cooperação.

Reflexões como a de Richard Sennet fazem pensar quais são os valores éticos que regem e sustentam as práticas e os modos de vida do sujeito contemporâneo. Ainda, qual o resgate de eticidade que se torna possível e necessário, pois em que pese que as relações humanas são construídas com base no ódio e na inveja, são também fundadas na generosidade e no cuidado recíproco (SANTOS; DALBOSCO, 2020).

À guisa de alguns desdobramentos dessa nova ordem para o campo educacional

Orientada pela racionalidade financeira, a educação torna-se produto mercadológico captado pela lógica neoliberal do lucro, da produtividade, da eficiência, da competição selvagem, do individualismo, da preocupação exacerbada com resultados. Para Santos e Dalbosco (2020), o efeito perverso dessa “colonização, do mundo econômico e do mundo cultural, faz-se sentir com todo peso nas reformas educacionais mundiais, transformando a própria educação em mercadoria, na medida em que a joga pura e simplesmente no mundo da concorrência predatória e desleal, como se jogava outrora os seres humanos aos leões” (SANTOS; DALBOSCO, 2020, p. 06).

A educação vem sofrendo impactos dessas transformações e das exigências performáticas do mercado e do neoliberalismo, como redução de conteúdos e de tempo destinado às formações, flexibilização de currículos e subtração de disciplinas das ciências humanas (consideradas obsoletas), expansão de cursos EAD e materiais apostilados e tendências a privatização de instituições públicas, ou seja, a mercantilização da educação (MARCON, 2020).

Qual pode ser o papel da educação nesse momento complexo e desafiador que vivemos? Como cultivar e fazer acontecer experiências enriquecidas e de vínculo inter-humano com o tempo necessário para que aconteçam, sem pressões e demandas imediatas? Propõe-se uma noção de educação em sentido amplo, como formação humana integral, enquanto desenvolvimento da capacidade de pensamento, de reflexão, de construção de conhecimentos e ampliação da experiência de mundo em contraponto a uma educação "com certa racionalidade sobre o indivíduo, visando dominar e oferecer garantias a ordem social e utilitarista" (OLIVEIRA; BATISTA, 2020, p. 20). Uma noção de formação humana que ajude a desenvolver ações emancipatórias, a consideração e o respeito pelo semelhante e a cidadania. Esta noção de educação como formação humana contrasta com a perspectiva reducionista da educação entendida somente como desenvolvimento de habilidades e competências e reduzida à noção de aprendizagem (BIESTA, 2013).

A educação aparece como um espaço privilegiado para a experiência formativa e espaço escolar revela a importância da experiência de encontro inter-humano, como fator estruturante da subjetividade e de enriquecimento emocional, e do quanto as experiências (BENJAMIN, 2012) consistem num potente e imprescindível aliado nesse processo de

formação humana e da subjetivação. A escola é um lugar de contar e construir histórias, de ter tempo de aprender, de desenvolver práticas cooperativas (SILVA, 2015). Nela, o sujeito encontra possibilidades ampliadas de narrar e apropriar-se de sua história, de ter experiências inter-humanas, cooperativas, reflexivas e narrativas, e não apenas de transmissão de conteúdo ou práticas adaptativas.

Palavras-chave: Subjetividade. Economia. Educação. Formação Humana

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 2012.

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem**. Educação democrática para um futuro humano.

Tradução Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

MARCON, Telmo. **Transformações socioeconômicas em sociedades complexas e os impactos nas subjetividades: contribuições de Sennett, Dardot e Laval**. Texto não publicado. 2020.

OLIVEIRA, Marta Regina; Cleide BATISTA. O (Im)possível de educar em tempos de crise: psicanálise e educação crítica. **Educação e Contemporaneidade**, Bahia, v.29, n. 60, p. 17-30, 2020.

SANTOS, Francisco; DALBOSCO, Cláudio. **Desamparo Humano e Solidariedade Formativa: Crítica à Perversidade Neoliberal**. Texto não publicado, 2020.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Tradução de Marcos Santarrita. 16ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Record, 2011.

SENNETT, Richard. **A cultura do novo capitalismo**. Tradução de Clóvis Marques, 7ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SILVA, Roberto Rafael Dias da. **Sennet & a Educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2015.